

## A GRAMÁTICA HISTÓRICA DE EDUARDO CARLOS PEREIRA

Heitor Megale  
USP

À época em que Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) lançou sua *Gramática Histórica*<sup>1</sup>, com esse título, salvo engano, havia uma entre nós e outra em Portugal, aqui, o livro de Pacheco Júnior;<sup>2</sup> lá, o de Ribeiro Vasconcelos.<sup>3</sup> Do *Compêndio de Gramática Histórica*, de José Joaquim Nunes,<sup>4</sup> só havia uma síntese na introdução de sua *Crestomatia Arcaica*, de 1906,<sup>5</sup> cuja primeira versão embrionária havia sido “Fonética Histórica Portuguesa”, artigo de 1895, na *Revista Lusitana*.<sup>6</sup> Além desses títulos mais próximos da obra de Eduardo Carlos Pereira, convém lembrar os outros autores, cujos nomes ele cita no já referido prólogo, declarando ter-se socorrido de amplos subsídios deles: Gonçalves Vianna, Leite de Vasconcelos, Ernesto Carneiro, Mário Barreto, João Ribeiro, Lameira de Andrade e Júlio Moreira.<sup>7</sup>

Avaliamos que o grande mérito da *Gramática Histórica* de Eduardo Carlos Pereira está na sintaxe. Por isso nos decidimos tratar dela. Antes porém, cabem algumas observações acerca da obra como um todo.

De início, é preciso, ao trabalhar obras do mesmo gênero e da mesma época que essa, não perder nunca de vista o caráter didático de que se revestem. Não se pode avaliar uma obra como essa, do ponto de vista das exigências de um trabalho acadêmico, com critérios científicos do Ensino Superior, muito embora se perceba que seu conteúdo só conseguiria atingir, nos dias de hoje, o ensino universitário específico de nossos cursos de Letras. Ao chamar atenção para esse aspecto, insistimos em que não encontraremos, por exemplo, as indicações bibliográficas com o rigor das normas atuais, nem tampouco as indicações precisas dos exemplos arrolados. Não raro, o estudioso que pretenda conferir citações defronta-se com dificuldades, porventura intransponíveis. Fazem falta igualmente os índices analítico e onomástico. O primeiro se beneficiaria bastante da disposição que Eduardo Carlos Pereira deu à matéria: em parágrafos numerados, um avanço, para a época, entre nós.

Entre outros avanços para época, é justo apontar mais estes: um é que os fatos gramaticais são examinados rigorosamente do ponto de vista diacrônico: tanto a teoria como os exemplos, melhor dizendo, as abonações partem do período de formação da língua ou até são buscados a partir do latim clássico e chegam à expressão contemporânea do autor; e o outro é que, com muita frequência, o autor

estabelece inteligente confronto com outras línguas românicas, revelando o quanto valoriza o efeito contrastivo e comparativo para a elucidação de fatos lingüísticos.

A quem pretendesse apontar alguma deficiência no repertório dos textos pesquisados para colher abonações, lembraríamos que, no começo do século, o repertório não era o mesmo de que dispomos hoje. Em relação aos textos medievais, muito pouco havia sido lido, e menos ainda, publicado. Muitas abonações procedem de livros de natureza didática, como a *Crestomatia Arcaica*, de José Joaquim Nunes e *O Antigo Vernáculo*, de Sílvio de Almeida, para dar um exemplo português e outro nacional.<sup>8</sup> A sintaxe é a parte da Gramática Histórica de Eduardo Carlos Pereira que lhe confere certo pioneirismo. Tal afirmação fundamenta-se no fato de a sintaxe ocupar pouco mais da metade de seu livro de quinhentas e noventa e seis páginas, enquanto o congêneres português de Ribeiro de Vasconcelos dedica-lhe apenas quinze das duzentas e dezesseis páginas de texto.

Para Eduardo Carlos Pereira, a sintaxe é o estudo da frase, como a lexeologia é o estudo da palavra.<sup>9</sup>

A matéria desenvolve-se nos subtítulos: processos fraseológicos do português (p. 271), estrutura oracional românica (p. 273), processos relacionais do latim e das línguas românicas (p. 276), a que seguem a descrição dos termos da oração. Ordem (p. 303), topologia pronominal (p. 311), regência (p. 321), e concordância (p. 336) são tópicos preparatórios para o estudo do período gramatical (p. 342) desmembrado em período composto e complexo (p. 347), que conduzem à classificação das proposições (p. 348) e ao desenvolvimento histórico de algumas proposições (p. 353). Muito exaustivamente é tratada a sintaxe histórica das palavras variáveis e invariáveis (p. 357 a 586), com abertura para as conseqüências da descrição de cada classe de palavras, como no caso do adjetivo (p. 375): concordância (p. 377), e graus (p. 382); do verbo (p. 464): voz ativa (p. 473), voz passiva (p. 478), voz reflexiva (p. 486), verbos impessoais (p. 490), verbos perifrásticos (p. 494), modos (p. 497), tempos (p. 503) flexão pessoal do infinitivo (p. 512), emprego do infinitivo pessoal e impessoal (p. 515), regras para o emprego do infinitivo pessoal e impessoal (p. 526) e participios, gerúndio e supino (p. 529).

Entre os vários tópicos que mereceriam exame mais detido, escolhemos a posição do atributo, pela simples razão de termos à mão um parâmetro, em estudo recente, que a seguir apresentaremos.

A posição do atributo é estudada nos parágrafos 447 e 448.<sup>10</sup> Eduardo Carlos Pereira retomando Diez, afirma que a posição do atributo, seja adjetivo qualificativo ou determinativo, em relação ao substantivo é em geral determinada pelo acento oratório e rítmico da expressão, muito embora haja no *romance* a tendência de colocá-lo depois do substantivo.<sup>11</sup> No grupo nominal substantivo/adjetivo, o acento principal recai sobre o segundo termo: *homem bom, bom homem; belo campo, campo belo*. E conclui que o atributo, quando exprime qualidade inerente ou pouco característica tem a tendência de antepor-se ou substantivo.

Seguem-se as regras para a colocação do adjetivo, sendo que a primeira retoma a conclusão anterior. Distribuindo os exemplos entre os dois casos, teríamos: qualidade inerente: *branca neve, negro corvo, doce mel, fresca rosa, tímidas ove-*

*lhinhas, mansos cordeiros*; qualidade pouco característica: *linguagem crua*, a que acrescentaríamos estes: *erro crasso, campa tangida ou campa tanjuga*<sup>12</sup>, *bezerro abelheiro, mulher pelliôa*.<sup>13</sup> Outro caso de anteposição, segundo Eduardo Carlos Pereira, é diante de nome próprio: *o grande Camões, o velho Portugal, o sábio Pasteur, a bela Paris, a célebre Cleópatra*. Esse caso é dado como corolário do anterior. A exceção apontada entre ambos fica por conta dos provérbios e do contraste: *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*.

Ao descrever os casos de posposição, Eduardo Carlos Pereira aponta: qualidades materiais, como forma, cor, sabor: *mesa redonda, céu azul, café amargo*; relações externas ou estados corporais: *opinião comum, gênero humano, defeitos naturais, código civil...*, cabendo aqui os adjetivos oriundos de nomes próprios: *leis manuelinas, biblioteca camoniana, pátria brasileira*; e adjetivo ampliado: *menino desejoso de aprender, pessoa inclinada a bem viver*.

Razões de estilística justificam a não observância dessas regras: *Viva a gente que sulca a azul campina*. (Fab. 60) *Soltaste pela azul imensidade*. (A.C., Fast. 3.7) *A cônsul vai o curul marfim ser nobre assento*. (Ib. 1.11)<sup>14</sup>

Dois adjetivos referentes a um substantivo admitem a intercalação do substantivo, quando um deles forma com o substantivo um grupo nominal, sobre que recai ou pode recai a modificação do outro: *ilustre escritor português* (= *ilustre + escritor português*); *formoso cavalo tordilho* (= *formoso + cavalo tordilho*); *valentes soldados brasileiros, bela música italiana, sábias leis manuelinas*.

A esse grupo, pode-se ainda antepor qualquer adjetivo determinativo: *a bela língua italiana; este difícil problema aritmético*.

A intercalação nessas frases é de rigor, e só deixa de o ser quando a modificação do outro adjetivo pode deixar de recai sobre o grupo: *a larga senda dolorosa, ou a senda larga e dolorosa; a bela canção popular, ou a canção bela e popular*.

Numerais cardinais precedem ao substantivo, exceto quando têm valor ordinal: *vinte e duas páginas, página vinte e dois; quarenta números, número quarenta*.

Razões estilísticas justificam posposição: *venturas mil*.

Ambos pode-se antepor ou pospor: *ambas as petições, as petições ambas*. *Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo* (A. V. Obs. S. I, 9).

Os ordinais pospõem-se ao substantivo, exceto quando se quer salientar a ordem expressa pelo numeral: *Pedro I (primeiro), Leão X (décimo), livro segundo* (cf. *o primeiro e segundo Afonsos, primeiro capítulo, o segundo livro; Dom João segundo do nome (...)*) *Dom João, o terceiro em Portugal deste nome* (Gil Vicente).

Os outros adjetivos determinativos antepõem-se em regra ao substantivo: *cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso, muita parra e pouca uva, tantas cabeças quantas sentenças*.

Ênfase ou mudança de sentido justificam anteposição: *este menino e menino este; aquele negócio e negócio aquele; meu filho e filho meu; algum perigo e perigo algum; o homem todo e todo o homem (...)* *a própria casa e a casa própria*.

Na concorrência de um determinativo e um qualificativo, aquele precede a este: *este belo livro; meu grande cavalo*.

Essa ordem era freqüentemente transgredida no português antigo e entre nossos clássicos: *e pera maior seu contentamento chegaram outros dois motivos* (Dec. I. 462) *Veio a ele um cossário que depois foi grande nosso amigo* (Ib. 363) *O padre frei Isidoro da Luz que é grande meu amigo* (A. V., C. 107) *...liberdade a todos os cristãos e grandes outras esperanças de florescer aquela igreja* (Ib. 213).

Para comentar o trabalho de Eduardo Carlos Pereira, trazemos como parâmetro o estudo recente de Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, *Syntactic Change in Portuguese: Relative Clauses and the Position of the Adjective in the Noun Phrase*, tese de doutoramento defendida na Unicamp, em 1989, porventura o único estudo específico acerca da posição do atributo, em língua portuguesa.<sup>15</sup>

Ao sumariar as posições de romanistas tradicionais como Marouzeau, Väänänen, Maurer Jr. e Adams, conclui Cohen que, genericamente, para esses autores, AN → NA (Adjetivo/Nome evoluiu para Nome/Adjetivo) é uma evolução pré-histórica que ocorreu, o que não impede que NA (Nome/Adjetivo) seja uma ordem básica do latim, nos textos mais antigos, tendo AN (Adjetivo/Nome) como variante.<sup>16</sup> Mediante gráficos de porcentagens de ocorrência dos adjetivos *bom* e *grande*, do século XIV ao XX, a autora traz dados de sua pesquisa em *corpus* definido para cada século. Distingue os casos de anteposição do adjetivo com valor subjetivo daqueles com valor objetivo, enumerado entre estes idade, cor, propriedade física, propensão humana, e aponta as *set phrases* ou compostos.<sup>17</sup>

As conclusões a que chega Cohen revelam que a ocorrência da anteposição decaiu progressivamente de 1300 a 1900, enquanto a da posposição cresce, sendo que as linhas se cruzam em fins do século XV e meados do XVI.<sup>18</sup>

É interessante observar que as conclusões de Cohen estão muito próximas da informação de Philippe Ménard, com relação ao francês: “no francês antigo, nos textos em prosa, diz o autor, o adjetivo epíteto é colocado, correntemente, antes do nome – o determinante precede o determinado.”<sup>19</sup>

Pergunta-se o autor se não será uma influência germânica, uma conservação do latim em que o adjetivo precedia o substantivo, quando lhe estava estreitamente unido como epíteto (*pulchra domus*). Seja como for, observa, o fato de colocar o adjetivo antes do nome é uso muito difundido que não implica nenhuma ênfase particular. Por outro lado, a posposição do adjetivo é uma construção expressiva que destaca o adjetivo. Essa descrição de Ménard da posição do adjetivo em relação ao substantivo para o francês antigo contrasta com o que se passa no francês moderno em que o adjetivo normalmente vem depois do nome.<sup>20</sup>

O que se pode observar é que o modo de descrição do lugar do adjetivo em relação ao substantivo, em estudos muito recentes, ainda está muito próximo ao de Eduardo Carlos Pereira, o que prova que as teorias sintáticas de sua *Gramática Histórica* não envelheceram. O que nosso autor denomina “qualidade inerente ou pouco característica”,<sup>21</sup> com tendência para a anteposição, Cohen descreve como

“adjetivos que formam com o nome uma espécie de composto ou frase feita na qual o adjetivo está estreitamente ligado ao nome, como em *ingens metus, turpis fame, mala mens e bonus animus*, atribuindo à posposição, nesses casos, um significado restritivo. Então *metus ingens* seria *o medo que era enorme*.”<sup>22</sup>

Já as “qualidades materiais, como forma, cor, sabor” ou as “relações externas ou estados corporais”, de Eduardo Carlos Pereira,<sup>23</sup> recebem designação praticamente equivalente em Cohen: “aparência, cor, profissão, significado objetivo”, quando não “dimensão, forma, temperatura, sabor e constituição física”: *statua aurea, vita pastoricia, tribunus militaris, canalem rotundam, unguem caldum, aquam salsam, gallinas teneras, pabula matura*.”<sup>24</sup>

As razões estilísticas causadoras de inversão, duas vezes lembradas por Eduardo Carlos Pereira, também estão presentes no estudo de Cohen. Excusa dizer que Eduardo Carlos Pereira consta da bibliografia de Cohen e seu trabalho é muito aproveitado ao tratar do assunto.

Seja-nos permitido concluir afirmando que, se a Fonética e a Morfologia da Gramática Histórica de Eduardo Carlos Pereira poderiam ser consideradas prescindíveis, visto que estudos posteriores as superam, o mesmo não se poderia dizer de sua Sintaxe, porque revela percepções teóricas agudas, hoje, apenas descritas em termos lingüísticos mais precisos.

## NOTAS

- 1- Eduardo Carlos Pereira. *Gramática Histórica*, 8. e., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933. (A primeira edição é de 1916).
- 2- Manuel Pacheco da Silva Júnior. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (compendiada para uso dos alunos do 7º ano do Imperial Colégio Pedro II, das Escolas Normais e de todos os que estudam o idioma nacional), Rio de Janeiro, 1878.
- 3- Antônio Garcia Ribeiro de Vasconcelos. *Gramática Histórica da língua portuguesa*, Lisboa, Aillaud & Cia. Casa Editora e de Comissão, s/d. (?) Joseph Huber, em sua *Gramática do Português Antigo*, e Serafim da Silva Neto, em seu *Manual de Filologia Portuguesa*, datam-na de 1901.
- 4- José Joaquim Nunes. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia), 8. e., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975. Segundo a notado editor, à p. 198, a primeira edição é de 1918. Joseph Huber e Serafim da Silva Neto datam-na de 1919.
- 5- José Joaquim Nunes. *Crestomatia Arcaica* (Excertos da Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI), 8. e., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1981. (A primeira edição é de 1906).

- 6- José Joaquim Nunes. “Fonética Histórica Portuguesa” *Revista Lusitana*, v. III, 1895, p. 251 - 307.
- 7- Júlio Moreira. *Estudos de língua portuguesa. Primeira série: Subsídios para a sintaxe histórica e popular*, Lisboa, 1907.
- 8- Para José Joaquim Nunes, v. nota 5. Sílvio de Almeida. *O Antigo Vernáculo*, São Paulo, 1898.
- 9- Eduardo Carlos Pereira. *Gramática Histórica*, p. 270.
- 10- Atributo: atualizando a terminologia, equivaleu aos também já antigos “adjetivo qualificativo e adjetivo determinativo; o primeiro modificava o substantivo indicando alguma qualidade, e o emprego ajuntava-se ao substantivo para determiná-lo, indicando alguma circunstância externa. O adjetivo determinativo era distribuído em sete classes: articulares, demonstrativos, conjuntivos, interrogativos, possessivos, numerais, indefinidos.” (Eduardo Carlos Pereira. *Gramática Expositiva. Curso Superior*, e. 63., (Adaptada à ortografia atual por Laudelino Freire), São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, p. 104). Hoje equivale tanto ao adjetivo quanto ao pronome adjetivo. “Adjetivo é a expressão modificadora que denota qualidade, condição ou estado de um ser. Pronome adjetivo é o pronome caracterizado por uma referência ao substantivo; os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos. Há pronomes que são apenas adjetivos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.” (Evanildo Bechara. *Moderna Gramática Portuguesa*, 14. e., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968). Sintaticamente, os adjetivos e os pronomes adjetivos exercem a mesma função de adjunto adnominal.
- 11- Friedrich Diez. *Grammatik der romanischen Sprachen*, Bonn, 1871-1876.
- 12- “Documento das Bentas do Porto de 1420”, apud Viterbo, *Elucidário...*, edição crítica de Mário Fiúza, Porto, Lisboa, Livraria Civilização, 1984.
- 13- “Óbito. Ano 1569 (Ms. ARE, fol. 14 v.) apud Viterbo, *Elucidário...*, cf. nota anterior.
- 14- As dificuldades a que já aludimos e com as quais se defronta o consulente da *Gramática* de Eduardo Carlos Pereira ficam bem evidentes nas abonações aqui registradas. Não há indicações completas de bibliografia, ora comparece o autor, com nome completo ou com iniciais, ora uma obra com título abreviado, nem sempre listado no rol de abreviaturas do começo do livro.
- 15- Maria Antonieta Amarante Mendonça Cohen. *Syntactic Change in Portuguese: Relative Clauses and the Position of the Adjective in the Noun Phrase*,

doutoramento em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1989.

- 16- Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. *Syntatic change...*, p. 19.
- 17- Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. *Syntatic change...*, p. 35 - 63.
- 18- Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. *Syntatic change...*, p. 65.
- 19- Philippe Ménard. *Syntaxe de l'Ancien Français*, 3e. ed., Bordeaux, Editions Biere, 1988, p. 118.
- 20- Philippe Ménard. *Syntaxe de l'Ancien Français*, p. 118.
- 21- Eduardo Carlos Pereira. *Gramática Histórica*, p. 307.
- 22- Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. *Syntatic change...*, p. 24.
- 23- Eduardo Carlos Pereira. *Gramática Histórica*, p. 308.
- 24- Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. *Syntatic change...*, p. 23.

\*\*\*